

*Christine de Pizan*

## A CIDADE DAS DAMAS

Tradução e Apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Pouco mais de seis séculos separam o presente lançamento da publicação do texto original, o que é bastante significativo, principalmente se levarmos em consideração algumas dominantes culturais relativas tanto ao gênero da autora e à crítica à hegemonia masculina empreendida no/pelo texto em foco, quanto ao gênero da obra em si, uma utopia *avant la lettre*. [...]

À intervenção primeira pela escrita, ou seja, à escrita em si como uma tecnologia de intervenção política, originária das mãos de Pizan, temos o acesso agora via tradução como uma intervenção segunda, sob as escolhas e os cuidados de Deplagne em sua reescritura. Nos anos 90 um dos mais representativos tradutores brasileiros, José Paulo Paes, utilizou-se de uma metáfora bastante precisa para a tarefa de tradução: esta seria a “ponte necessária”. Então, para finalizar, pensemos que Cristine de Pizan construiu, por meio de sua utópica escritura, uma cidadela utópico-feminista na idade média; e que Luciana Calado Deplagne constrói uma das pontes de acesso à cidade-livro: a que faltava ao público leitor lusófono. E façamos a travessia e a redescoberta!

Ildney Cavalcanti

(Professora e pesquisadora do PPGLL/ Fale / Ufal)

ISBN 978-85-8047-025-3  
9 788580 470253

*Christine de Pizan*

A CIDADE DAS DAMAS  
Tradução e Apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

*M*  
EDITORA MULHERES

*Christine de Pizan*



## A CIDADE DAS DAMAS

Tradução e Apresentação de Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

*M*  
EDITORA MULHERES

Filósofos, poetas e moralista, e a lista poderia ser bem longa, todos parecem falar com a mesma voz para chegar à conclusão de que a mulher é profundamente má e inclinada ao vício. Com essas coisas sempre voltando insistentemente à minha mente, pus-me a refletir sobre a minha conduta, eu, que nasci mulher; pensei também em outras tantas mulheres com quem convivi, tanto as princesas e grandes damas, quanto às de média e pequena condições, que quiseram confiar-me suas opiniões secretas e íntimas; procurei examinar, na minha alma e consciência, se o testemunho reunido de tantos homens ilustres poderia ser verdadeiro. Mas, pelo meu conhecimento e experiência e por mais que examinasse profundamente a questão, não conseguia compreender, nem admitir a legitimidade de tal julgamento sobre a natureza e a conduta das mulheres. Mesmo assim, continuei pensando mal das mulheres, dizendo-me que seria muito grave que tantos homens ilustres, tantos doutores importantes, do mais alto e profundo entendimento, com tanto esclarecimento – pois acredito que todos tenham sido assim – pudessem ter falado de maneira tão enganosa, e em tantas obras. Era quase impossível encontrar um texto moral, qualquer que fosse o autor, sem que, antes de terminar a leitura, não me deparasse com algum capítulo ou cláusula repreendendo as mulheres. Apenas essa razão, breve e simples, fazia-me concluir que tudo isso havia de ser verdade, apesar do meu intelecto, na sua ingenuidade e ignorância, não conseguir reconhecer esses grandes defeitos em mim própria nem nas outras mulheres.

*A Cidade das Damas*

CHRISTINE DE PIZAN

## A Cidade das Damas

*Tradução e apresentação:*

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Ilha de Santa Catarina

Editora Mulheres

2012

© 2012, Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

A primeira edição em português foi realizada pela Editora da UFPb, em 2012 (ISBN: 978-85-7745-953-7).

*Coordenação editorial*

Zahidé Lupinacci Muzart

*Conselho editorial*

Claudia de Lima Costa (UFSC)  
Constância Lima Duarte (UFMG)  
Eliane Vasconcellos (FCRB)  
Ívia I. D. Alves (UFBA)  
Joana Maria Pedro (UFSC)  
June Hahner (STATE UNIVERSITY OF NEW YORK IN ALBANY)  
Nádia Gotlib (USP)

Norma Telles (PUC-SP)  
Peggy Sharpe (FLORIDA STATE UNIVERSITY)  
Rita T. Schmidt (UFRGS)  
Susana Bornéo Funck (UFSC)  
Simone P. Schmidt (UFSC)  
Tânia R. O. Ramos (UFSC)  
Yonissa Wadi (UNIOESTE)

*Capa*

François Deplagne  
Imagem da capa: Iluminura do manuscrito *La Cité des Dames* (séc XV) - Bibliothèque Nationale de Paris

*Editoração*  
Rita Motta

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação -- CIP  
Leny Helena Brunel CRB 10/442

P695 Pizan, Christine de  
A cidade das damas / Christine de Pizan ; tradução e apresentação Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne; prefácio Ildney Cavalcanti. -- Florianópolis : Ed. Mulheres, 2012.  
352 p.  
ISBN 978-85-8047-025-3

1. Ficção Francesa. 2. Literatura Medieval. 3. Alegoria.  
4. Feminismo. I. Deplagne, Luciana Eleonora de Freitas Calado. II. Cavalcanti, Ildney. III. Título.

CDU 821.133.1

**REALIZADO O DEPÓSITO LEGAL**

Editora Mulheres  
Rua Joe Collaço, 430  
88035-200 Florianópolis, SC  
Fone/Fax: (048) 3233-2164  
editoramulheres@floripa.com.br  
www.editoramulheres.com.br

*AGRADECIMENTOS*

*Folha . V*

*A TODAS AS DAMAS QUE  
CONTRIBUÍRAM DIRETA OU  
INDIRETAMENTE PARA A  
REALIZAÇÃO DESSE TRABALHO.*

*A TODOS OS HOMENS QUE  
CONTRIBUÍRAM DIRETA OU  
INDIRETAMENTE PARA A  
ELABORAÇÃO DESSE TRABALHO.*

A CAPES QUE VIABILIZOU MINHA PESQUISA NO BRASIL E NA FRANÇA. À MINHA ORIENTADORA LUZILÁ QUE DESPERTOU EM MIM O INTERESSE PELA QUESTÃO FEMININA. À AMIGA ANA COUTINHO, QUEM GENTILMENTE ME APRESENTOU AO PPGL DA UFPB. À PROFESSORA ZULEIDE DUARTE, PELAS SUGESTÕES FEITAS NA QUALIFICAÇÃO. ÀS QUERIDAS MULHERES DA MINHA FAMÍLIA: MINHA MÃE ELENA; POR TANTO AMOR E CUIDADOS AO LONGO DA MINHA VIDA, MINHA SEGUNDA MÃE FIRMINA, POR SEU CARINHO E DEDICAÇÃO, MINHA IRMÃ ADRIANA, QUE ME ACOLHEU COM TANTO CARINHO NA FRANÇA, MINHA IRMÃ ELIANA, COMPANHEIRA DE TODAS AS HORAS, COM QUEM APRENDO A CADA DIA; E A TODAS ELAS, PELO CARINHO, AMOR E DEDICAÇÃO, COM QUE, NA MINHA AUSÊNCIA, DESEMPENHARAM O PAPEL DE MÃE DE MEUS FILHOS. À AMIGA ANA DOURADO, PELA CONVIVÊNCIA DE AMIZADE E COMPANHEIRISMO EM CLERMONT-FERRAND. ÀS AMIGAS DE SEMPRE PETRA, IRANICE, PELA AMIZADE E APOIO MORAL DURANTE ESSES QUATRO ANOS. À MINHA FILHA HELOÍSE, POR SUA DOÇURA E COMPREENSÃO, A ELEONORA, MINHA MAIS NOVA CRIAÇÃO, À PROFESSORA ILDNEY, PELA LEITURA CUIDADOSA DA CIDADE DAS DAMAS NESTA ÚLTIMA ETAPA DA CONSTRUÇÃO DA OBRA.

AO CO-ORIENTADOR CLAUDE ROUSSEL, PELAS ORIENTAÇÕES DE PESQUISA NA UNIVERSITÉ BLAISE-PASCAL, EM CLERMONT-FERRAND. AO PROFESSOR E AMIGO ALFREDO CORDIVOLA, PELO EXEMPLO DE SENSIBILIDADE, TERNURA, E COMPETÊNCIA NA ARTE DE LECIONAR. AO PROFESSOR SÉBASTIEN JOACHIM, PELA DISPONIBILIDADE E APOIO NESSES QUATRO ANOS. AO AMIGO E MESTRE ANDREA CIACCHI, PELA PRESENÇA AMIGA E INCENTIVADORA E PELOS PRECIOSOS MATERIAIS DE PESQUISA OPERECIDOS. AO MEU PAI E ETERNO MESTRE ALDER, COM QUEM APRENDI O VALOR DA UTOPIA, PELO ESTÍMULO E CONFIANÇA, E PELAS AULAS DE LATIM. AO PROFESSOR MAURICE VAN WOENSEL, QUE DESPERTOU EM MIM O INTERESSE PELA LITERATURA MEDIEVAL. AO CASAL AMIGO LULA E ROBERTA, PELA AMIZADE ETERNA. AO CASAL AMIGO ALEXANDRE E ADRIANA FIÚZA, QUE ME PRESENTARAM COM UMA BELÍSSIMA OBRA DE CHRISTINE DE PIZAN EM PORTUGUÊS. A FRANÇOIS DEPLAGNE, PELO AMOR SINCERO, PELA CUMPLICIDADE E COMPANHEIRISMO CONSTRUIDORES DA NOSSA RELAÇÃO DE GÊNERO. A MEU FILHO GABRIEL LUAR, PELO SEU CARINHO E HUMOR, AO PROFESSOR FABRÍCIO POSSEBON, PELO INCENTIVO E SERIEDADE ACADÊMICA.

## Sumário

PREFÁCIO, 11  
*Ildney Cavalcanti*

APRESENTAÇÃO, 17  
*Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne*

CRONOGRAMA DAS OBRAS DE  
CHRISTINE DE PIZAN, 47

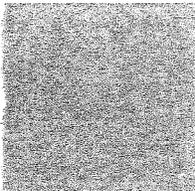
TRADUÇÃO DO LIVRO *A CIDADE DAS DAMAS*, 55

LIVRO PRIMEIRO, 57

LIVRO SEGUNDO, 165

LIVRO TERCEIRO, 293

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS DO LIVRO *A CIDADE  
DAS DAMAS*, 343



## Prefácio

Christine de Pizan via Luciana Deplagne; ou, da *Cité des Dames* à *Cidade das Damas*: utópica escritura em necessária ponte

**R**edescoberta e reescritura são estratégias centrais para pensarmos quem somos e o que desejamos em face às complexas mobilidades e trânsitos da contemporaneidade sobre-moderna em que nos situamos. Em recente reflexão sobre as dinâmicas e excessos que caracterizam os nossos tempos, contida em *Por uma antropologia da mobilidade*, especificamente em se tratando dos paradoxos que persistem sob a forma de desafio à sociedade contemporânea, apesar das aproximações espaciais e temporais promovidas pelas novas tecnologias e seus usos num mundo globalizado, Marc Augé chama à nossa atenção em relação à fronteira linguística. Vivemos em meio aos ruídos de uma Babel mundial, apesar do *Google Translator* e de tantos outros instrumentos disponíveis nesta cibercultura da qual participamos. Assim, se a tecnologia permite visualizar e folhear um manuscrito medieval, como faço com cópias da obra de Christine de Pizan disponíveis *online* enquanto escrevo este texto, o texto verbal ainda implica barreiras (neste caso linguística e temporal).

Oferecendo-nos uma ponte entre espaços, tempos e línguas, esta publicação da tradução para o português do texto que constitui talvez a principal obra literária de Christine de Pizan, *Le Livre de la Cité des Dames* (1405), é uma forma de responder a tal desafio. Pouco mais de seis séculos separaram o presente lançamento da publicação do texto original, o que é bastante significativo, principalmente se levarmos em consideração algumas dominantes culturais relativas tanto ao gênero da autora e à crítica à hegemonia masculina empreendida no/pelo texto em foco, quanto ao gênero da obra em si, uma utopia *avant la lettre*. Mas antes de tocar um pouco mais demoradamente nestes pontos, refaço um pouco do percurso de composição deste volume, lembrando que ele é resultante de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida e defendida em 2006, por Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne, com a tese “*A Cidade das Damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan*”, no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Apesar de a tese já incorporar uma versão inicial da tradução da obra de Pizan, esperamos seis anos para sua circulação mais ampla, tempo durante o qual Luciana Calado Deplagne, atualmente professora e pesquisadora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba e integrante do GT A Mulher na Literatura, vinculado à Anpoll, continuou reelaborando, ampliando e divulgando seus estudos sobre a obra da intelectual francesa.

Em se tratando dos vários feminismos registrados ao longo da história do mundo, que vêm se consolidando cada vez mais nas últimas décadas por meio de uma abordagem

em relação ao conhecimento conhecida como Estudos de Gênero, vale salientar que, apesar de seus diferentes objetos, objetivos e métodos, eles encontram elo comum nas revisões propostas no âmbito de todas as esferas da experiência no tocante às relações hierárquicas de gênero, perceptíveis, em grau maior ou menor, em todas as sociedades. Sua agenda mínima tem sido norteadada por um princípio utópico, caracterizado pela crítica às distópicas realidades e circunstâncias históricas em que estão contextualizados e projeções de mundos e formas de socialização alternativas (sejam estas presentes ou futuras, ficcionais ou experimentais). No cerne do processo de busca ao “outro lugar”, ao “não lugar” (fora) da história, está a escritura utópica de autoria feminina em gêneros de produção escrita que atravessam séculos, culturas, idiomas, permitindo-nos traçar aproximações entre os impulsos utópicos e os feministas configurados nessa escritura em suas funções críticas e prospectivas.

Já contidas no “inventário de visibilidade” – uma vez que trazer à luz uma lista enciclopédica de mulheres cujos nomes permaneciam na obscuridade é estratégia fundamental empregada por Pizan – que caracteriza *A Cidade das Damas*, marco da tradição utópica feminista que antecede em mais de um século a obra *A Utopia* (1516), de Thomas More, considerada o texto inaugural do utopismo literário publicado no alvorecer da idade moderna, essas percepções críticas utópico-feministas estão presentes na alegórica cidade das damas criada pela autora ítalo-francesa, que resgata um conjunto de mulheres para, assim, conferir-lhes um espaço diferenciado e mais visível na cultura. A obra medieval evoca, já no século XV, a imbricada relação entre a escritura (na referência

metalinguística ao “Campo das Letras”), as questões de gênero (uma vez que a cidade é proposta, construída e habitada por “Damas”), e a utopia (os *motifs* literários da cidadela protegida – como espaço alternativo – e da abundância são recorrentes na tradição utópica). Esses traços são evidentes na obra como um todo, especialmente no fragmento recortado por Luciana para abertura de sua introdução, “O Lugar da Utopia na *Cité Des Dames*”, que reproduzo na versão traduzida: “Levante-te, filha! Sem mais demora, partamos ao Campo das Letras; é nessa terra rica e fértil que será fundada a Cidade das Damas, lá onde se encontram tantos frutos e doces rios, lá onde a terra abunda em tantas coisas boas” (p.65). Nota-se aí uma crítica oposição ao discurso dominante e misógino de autoria masculina, alvo da arguta e erudita intervenção de Pizan.

Tais percepções, conforme materializadas na obra de Pizan que alcança o público lusófono com a presente tradução, podem ser consideradas como parte de um *continuum* que alcança a contemporaneidade em textualidades (teorizações e ficções) que dialogam entre si, formando genealogias e cristalizando um senso de densidade. É nesse sentido que esta composição literária pode ser lida como pioneira numa linhagem crítica, utópica, feminista (muitas vezes de cunho separatista) que vai se consolidando através dos tempos com obras como, para citar apenas alguns poucos exemplos por questão de espaço, *The Description of a New World, Called the Blazing World* (1666), de Margaret Cavendish; *Mizora: A Prophecy* (1880-1881), de Mary E. Bradley Lane; e, no século XX, “Sultana’s Dream” (1905), de Rockeya Sakhawat Hossain; *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman; *Les Guérillères* (1969), de Monique Wittig; *Woman on the Edge of Time* (1976), de Marge Piercy. Nesse contexto, resalto o trabalho de resgate de cunho feminista empreendido duplamente com a

presente publicação: por um lado, a busca por uma genealogia encontra-se já configurada no inventário construído pela própria escritura de Pizan; por outro, as dinâmicas acionadas por Luciana Deplagne ao reapresentar *La Cité des Dames* em língua portuguesa, contextualizadas no âmbito dos Estudos de Gênero, estão em sintonia com a vertente de pesquisa caracterizada pelo resgate, viés importante da crítica feminista na academia.

Em convergência com as questões de gênero expostas acima, quero tratar também da questão do gênero, entendido como uma dada arquitetura ou estruturação literária em relação a uma série de convenções (formais, de circulação e de leitura). Nesse sentido, a presente tradução deve ser considerada também como uma marcante contribuição em relação à área de crescente interesse internacional e nacional que, no panorama dos atuais Estudos Culturais, vem sendo chamada de Estudos da Utopia. De forma mais ampla, o interesse em refletir sobre as possibilidades e os limites do pensamento utópico, e de suas diversas manifestações e impactos em contextos culturais e históricos também variados, tem unido pesquisadoras e pesquisadores em torno de associações, centros de estudos, eventos científicos, grupos de pesquisa, projetos e publicações acadêmicas. Sob essa perspectiva, esta tradução oferece ao público leitor em língua portuguesa as possibilidades de acesso a mais uma obra da tradição literária proto-utópica – ou a uma utopia literária *avant la lettre*, conforme já me referi acima ao texto de Pizan – da idade média. Com isso, pode ser alinhada com outras iniciativas envolvendo obras neste gênero literário, como por exemplo algumas reedições críticas (cf. a *Série Biblioteca das Utopias*, em Portugal); ou ainda a circulação de novas traduções para a língua

portuguesa (como a recém-lançada *Coleção Mundus Alter*, aqui no Brasil). São ampliados, assim, os diálogos nesta rede de estudos e fomentadas novas leituras analíticas da obra de Pizan.

Cheio de energia, o ato de leitura especializada da obra da autora ítalo-francesa, realizada através de um manuscrito principal, o Manuscrito do Duque, em comparação a outras versões que orbitam em torno deste, levado a efeito por Luciana Calado Deplagne, resulta numa tradução bem elaborada, fluida, leve, que promove uma bela e necessária atualização da obra. Com isso, temos acesso às qualidades estilísticas possíveis de ser mantidas em tradução (como uma retórica discursiva carregada de veneração e reverência por parte da protagonista Christine em relação às Damas e cuidadosamente retrabalhada na versão em português) e a tantos conteúdos pertinentes e argumentos incisivos, que evidenciam, entre outras coisas, a vitalidade e atualidade do texto de Pizan. À intervenção primeira pela escrita, ou seja, à escrita em si como uma tecnologia de intervenção política, originária das mãos de Pizan, temos o acesso agora via tradução como uma intervenção segunda, sob as escolhas e os cuidados de Deplagne em sua reescritura. Nos anos 90 um dos mais representativos tradutores brasileiros, José Paulo Paes, utilizou-se de uma metáfora bastante precisa para a tarefa de tradução: esta seria a “ponte necessária”. Então, para finalizar, pensemos que Cristine de Pizan construiu, por meio de sua utópica escritura, uma cidadela utópico-feminista na idade média; e que Luciana Calado Deplagne constrói uma das pontes de acesso à cidade-livro: a que faltava ao público leitor lusófono. E façamos a travessia e a redescoberta!

Ildney Cavalcanti

Southampton, Reino Unido, primavera de 2012.

## Apresentação

### O LUGAR DA UTOPIA NA CITE DES DAMES

*Sans plus attendre, partons au Champs des Lettres:  
c'est en ce pays riche et fertile que sera fondée la  
Cité des Dames, là où l'on trouve tant de fruits et  
de douces rivières, là où la terre abonde en toutes  
bonnes choses[...]¹*

**A** Cidade das Damas<sup>2</sup> é uma obra no âmbito da literatura alegórica, uma tradição literária bastante difundida no

<sup>1</sup> « Sem mais esperas, vamos ao Campo das Letras : é neste lugar rico e fértil que será fundada a Cidade das Damas, onde se encontram tantas frutas e doces rios, onde a terra abunda de tantas coisas boas [...]» (*La Cité des Dames*, VIII-Livro I, p.48). Todas as traduções do francês são de minha autoria. Vale ressaltar que para uma maior acessibilidade do texto em francês, para o público leitor, todas as citações da *Cité des Dames* correspondem à tradução para o francês atual, feita por Éric Hicks e Thérèse Moreau (2000).

<sup>2</sup> A tradução e o estudo da obra *La Cité des Dames*, de Christine de Pizan, foi feita no âmbito de uma tese de doutorado, defendida em 2006, na Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luzilá Golçalvez, e do Prof.Dr. Claude Roussel, da Université Blaise-Pascal, de Clermont-Ferrand, na França. A pesquisa de doutorado recebeu o apoio da CAPES, como órgão financiador.

período medieval. Paul Zumthor (1972:370) define o discurso alegórico como um «discurso narrativo no qual o maior número, senão a totalidade dos agentes e pacientes são produzidos por uma figura de personificação».

Na Idade Média distinguem-se, preponderantemente, duas formas de representações do descontentamento com a realidade presente, e da denúncia das mazelas da sociedade através desse discurso alegórico. Primeiramente, o pensamento escatológico: a idéia pessimista do fim dos tempos do homem e do mundo, da queda e do pecado original que marcou profundamente o imaginário cristão do Ocidente medieval, através da doutrina milenarista. Como pensamento dominante na Idade Média, tal tendência se fazia projetar uma expectativa em um paraíso perdido a ser reencontrado através da ressurreição.

Em seguida, temos o pensamento de ordem eutópica, em que se prevalece o princípio onírico do prazer, em representações de países imaginários onde reinam a abundância, a ociosidade, a juventude e a liberdade. Tais ideais são analisados pelo historiador Hilário Franco Júnior, como uma utopia de evasão, nas quais se buscam as satisfações mais instintivas dos seres humanos. A eutopia, pelo seu aspecto ilusionista, quimérico, que projeta seu sonho de mudança em um lugar existente apenas na fantasia, tende a transformar-se em distopia.

Todavia, mesmo que de forma mais rara, um outro caminho de representação do imaginário pode ser observado. Trata-se do pensamento de caráter utópico: a esperança em um futuro idealizado, que contrariamente ao precedente, vem associado ao princípio da realidade, valorizando a ordem e a regulamentação necessárias para a manutenção da sociedade,

introduzindo também o elemento da *praxis*, da ação, como meio possível para alcançar uma finalidade, o «ainda-não», o “não-lugar”, concretizável em um plano futuro. O pensamento utópico, de acordo com o filósofo Ernst Bloch, em sua obra magna *O Princípio Esperança*<sup>3</sup>, distingue-se também do pessimismo do tratado sobre os fins últimos do mundo, uma vez que o elemento impulsionador da utopia é justamente o otimismo.

Entre tais formas de manifestação contra o momento presente, atentamos para a forma utópica como sendo aquela de maior conformidade com a obra *La cité des Dames* de Christine de Pizan. A linguagem alegórica, que tem um caráter fundamentalmente didático busca, ao mesmo tempo, dar uma certa ilusão do real, travestindo-o, assim como pôr à vista o mundo real, através de valorização simbólica dos elementos alegóricos. É no seio mesmo dessa ambigüidade da figura alegórica que se encontra sua significação, ressalta Jeannine Quillet (2001:246):

*Elle est à la fois modèle du transcendant et affabulation d'un réel considéré à la fois comme insuffisant ou à reformer. Même ambiguïté pour le songe lui-même, et pour le songeur, qui est souvent mi-rêvant, mi-éveillé, et qui narre le songe dont il est témoin en n'établissant pas de frontière définie entre le mensonge et la vérité qu'il véhicule.<sup>4</sup>*

<sup>3</sup> A obra de Ernst Bloch foi consultada a partir de sua tradução para o francês feita por Françoise Wilpert (1976).

<sup>4</sup> “Ela é ao mesmo tempo modelo do transcendente e fábulação de um real considerado ao mesmo tempo insuficiente ou a reformar. Mesma ambigüidade também para o sonho, e para o sonhador, que é muitas vezes meio-adormecido, meio-acordado, e que narra o sonho do qual ele está testemunhando, sem estabelecer fronteira definida entre a mentira e a verdade que ele veicula.”

Tal modalidade literária se estrutura a partir de um modo de produção específica, na qual a voz narrativa, que é ao mesmo tempo o herói/heroína, autor/a da narração, protagonista e glosador/a, encontra-se no início do relato, sempre em conflito, vivendo uma situação limite, e encontra no universo onírico do devaneio um meio de se refugiar da realidade. O sonhador ou sonhadora tem sempre um mediador, que se encarrega de encontrar-lhe uma saída, solução para a situação de conflito. « *Le songe se présente ainsi comme un moyen pour l'âme de percer des secrets qui lui échappent à l'état de veille.* »<sup>5</sup> (Quillet, 2001: 251).

*La Cité des dames* representa, nesse sentido, uma estrutura narrativa característica desse tipo de discurso. A obra se abre em uma situação de conflito da personagem narradora Christine, indignada com a leitura que acabara de fazer do livro *Lamentations de Mathéole*<sup>6</sup>. A solução vem em seguida pela visão das três damas alegóricas: Razão, Retidão e Justiça, que vieram oferecer-lhe ajuda para a realização de uma missão que lhe foi confiada: a construção de uma cidade, uma espécie de cidadela, pra defender as mulheres dos ataques misóginos.

O sonho da protagonista Christine toma o caráter de uma revelação do futuro, a expressão de um modelo de organização social diferente daquele espaço real, que encontra uma analogia com a categoria do « sonho acordado », pensada

<sup>5</sup> « O sonho se apresenta assim como um meio para o espírito de transpassar segredos que lhes escapam ao estado de vigília »

<sup>6</sup> *Les lamentations de Matheolus* é uma obra latina do século XII, muito difundida na França no final do século XIV, graças à tradução francesa de Jean Le Fèvre. Ver a edição bilíngüe de VAN HAMELA, G. *Les Lamentations de Matheolus; textes français et latins des lamentations*. Paris: Émile Bouillon éditeur, 1892.

pelo filósofo Ernst Bloch. Como um reflexo das aspirações, dos desejos, das preocupações mais próximas, da véspera, o sonho da personagem Christine se projeta para um futuro em direção ao objeto esboçado, imaginado por ela: a construção metafórica dessa cidade protetora.

A obra de Pizan está estruturada, no que diz respeito à metáfora da construção<sup>7</sup>, a partir de dois campos temáticos: a edificação da obra literária, e a construção da cidade das damas. No campo semântico da construção, os exemplos e argumentos correspondem, na obra, a um canteiro de pedras. Vê-se o cuidado de Dama Razão em encontrar bons argumentos para a construção do logos retórico: « *Rejette donc de ce chantier ces sales pierres noires et mal dégrossies, car jamais on ne s'en servira dans la construction de ta belle Cité* », ordena Dama Razão a Christine.<sup>8</sup>

As questões de Christine simbolicamente representam a ação de cavar a terra e os argumentos das respostas das três Damas são metamorfoseados em pedras. Cada exemplificação é assim comparada a uma pedra levantada na fundação da obra: « *Voici posée la première pierre des fondations de notre Cité. Il nous faut maintenant, pour faire avancer nos constructions, poser les unes sur les autres maintes pierres encore.* »<sup>9</sup>, diz dama Razão referindo-se ao seu primeiro exemplo, a rainha Semíramis, de uma série de mulheres bravas como as Amazonas e outras

<sup>7</sup> Sobre esse tema, ver artigo de Patrizia Caraffi « Il libro e la Vittà : metafore architettoniche e costruzione di una genealogia femminile ». In : CARAFFI (2003:13-18)

<sup>8</sup> Joga fora desse canteiro essas sujas pedras negras e engorduradas, pois jamais iremos nos servir delas para a construção de tua bela Cidade (*Idem*, p.50)

<sup>9</sup> Eis aqui posta a primeira pedra da fundação de nossa Cidade. Precisaremos agora, a fim de avançar nossa construção, colocar umas sobre as outras tantas pedras ainda. (*Idem*, p.70)

guerreiras da Mitologia grega e romana para testemunhar a força, a coragem e audácia femininas, qualidades necessárias para o sustentáculo dos muros da fortaleza. O primeiro Livro será, pois, constituído dessa orientação da dama Razão que dará a base à obra de Christine, seja na ficção, seja na realidade, na elaboração do seu livro:

*Je t'ai donc préparé des fondations larges et profondes, et j'en ai retiré la terre en l'emportant en Grandes hottées sur mes épaules. Il est maintenant temps pour toi d'asseoir les grandes et belles pierres des soubassements des murs de la Cité des Dames. Prends donc la truelle de ta plume et hâte-toi de bien maçonner et d'œuvrer avec ardeur. Voici cette grande et belle pierre qui doit être la première assise aux soubassements de ta Cité...*<sup>10</sup>

No segundo Livro da *Cité*, já acabadas as fundações, prontas para “*lever les hauts murs de l'enceinte*”<sup>11</sup>, Christine e Dama Retidão, as duas protagonistas dessa parte do livro, centralizam a atenção em outras virtudes femininas, como a honestidade, a fidelidade, o equilíbrio, o amor, nas relações humanas do cotidiano. Cada exemplo trazido ajuda a levantar a auto-estima das mulheres, na medida em que os muros de sua cidade vão sendo cuidadosamente levantados, de maneira alinhada e perfeita, com a ajuda de Dama Retidão:

*“Prends tes outils et viens donc avec moi... Trempe mon mortier dans l'encre de ton cornet et maçonne à grands traits,*

<sup>10</sup> “[...] agora que te preparei as grandes e profundas escavações, cavando toda a terra, e carregando-a sobre meus próprios ombros, é hora de assentar as grandes e fortes pedras dos alicerces para construir as muralhas da Cidade das Damas. Pegue então a pá de tua pluma e prepara-te para construir e trabalhar com grande empenho. Aqui está uma grande pedra que gostaria que fosse a primeira a ser assentada na fundação da tua Cidade. (*Idem*, p.68)

<sup>11</sup> «Levantar os altos muros da fortificação»

*car je t'en fournirai en quantité, et avec l'aide de Dieu nous achèverons rapidement la construction des hauts palais royaux et des nobles hôtes...*<sup>12</sup>

*“Les belles pierres brillantes, plus précieuses que toutes autres, que je t'ai trouvées et apprêtées pour être liées dans ton ouvrage de maçonnerie... Alors, aligne-les en suivant l'ordre de mon discours, sur le trait que je t'ai tracé.”*<sup>13</sup>

A metáfora da construção mostra também o *processus*, uma filosofia da ação, necessária para a construção do projeto sonhado, imaginado, o meio dos seres humanos alcançarem aspirações. No caso feminino, o descontentamento com uma realidade demasiadamente injusta e desigual entre os sexos torna mais fértil e mais propícia a capacidade das mulheres de sonhar, de imaginar um lugar – seja uma ilha, uma cidadela, uma cidade-, onde possam ser reconhecidas como seres humanos e em igualdade com os homens, nas várias instâncias da vida cotidiana. Tal sonho é representado por Christine de Pizan na sua cidade metafórica.

### O Sonho diurno de Christine de Pizan: a utopia de uma cidade de mulheres

A esperança, se ela se conserva forte, se ela se purifica sem se desviar, é capaz de tornar o ser humano indestrutível,

<sup>12</sup> “Pegue as tuas ferramentas e venha comigo. Não hesite; misture a tinta no cartucho e, com a tua pluma, comece a construir, pois fornecerei-te material suficiente para, em poucas horas, e com a ajuda divina, edifiquemos os altos palácios reais e nobres mansões.” (*Idem*, p.127)

<sup>13</sup> “[...] as belas pedras reluzentes, mais preciosas do que todas as outras, que encontrei e preparei para utilizar nessa construção [...] Agora arrume-as de acordo com a linha que tracei aqui e seguindo a ordem que te direi.” (*Idem*, p.128)

pois, a alma humana abraça tudo, inclusive o «além de» que ainda não existe (Bloch, 1976: 331). Eis três elementos que estão na base de toda construção utópica, pensada pelo filósofo Ernst Bloch: o “além de”, ou o futuro idealizado; a “esperança”, com a força que torna possível a chegada neste lugar ainda inexistente e a “fé” no ser humano, na alma humana.

Tais elementos nos levam à reflexão sobre a importância da esperança, da crença na possibilidade de um lugar outro, imaginado e idealizado a partir do forte desejo de mudança que nos impulsiona a uma outra realidade, contrária à que nos foi imposta. Este «lugar-álter», este «não-lugar» é o objeto de sonho que habita o imaginário do homem medieval, aquele que se encontra à margem, distante dos privilégios feudais de algumas camadas da sociedade. As mulheres, por exemplo, são sem dúvida, uma das categorias que, independente da camada social, encontravam-se em desvantagem em relação ao poder patriarcal. Neste sentido, a proposta de construção de uma cidade imaginária, representada na obra de Christine de Pizan, insere-se na acepção do termo Utopia enquanto busca de superação da marcha dos acontecimentos. Tal percurso se produz a partir de alguns elementos apondores do pensamento blochiano: a concepção do sonho acordado, como impulso; a consciência antecipatória, da qual o sonhador se utiliza para retirar a máscara da situação; e a dimensão filosófica da esperança, o otimismo necessário para orientar o processo do devir e a esperança no futuro desejado.

### O sonho diurno

O sonho noturno, objeto da psicanálise, é o guardião do sono e a forma escondida de realização dos desejos. Segundo

a psicanálise, só através do inconsciente é que os desejos se revelam e são concebidos, quando o Eu adulto – o eu censor – está adormecido e não se percebe mais o mundo. Aí, então, repousa a diferença essencial entre os sonhos noturnos e os sonhos diurnos, identificada na filosofia de Ernst Bloch. Para que as expectativas dos devaneios sejam realizadas, apela-se, ao contrário do sonho noturno, ao consciente, para que a imagem do objeto desejado seja esboçada na mente do sonhador.

A influência do ego, tímida nos sonhos noturnos, fica, ao contrário, evidenciada no devaneador de olhos abertos. O apelo à infância, à regressão pelo inconsciente, proposto pela psicanálise, é substituído pela antecipação de um futuro, de um «ainda-não» que não pode ser alcançado por via da consciência do sonhador diurno. Em tal perspectiva, podemos estabelecer, por analogia, a relação do sonho noturno com a idéia da «idade de ouro», da volta a um passado outrora conhecido para fugir da insatisfação do presente; assim como a relação do sonho diurno com a idéia de um “ainda-não”, que representa o prelúdio de um futuro possível pelo sopro utópico. O estado de embriaguez, próprio ao cochilo ou à alucinação, que difere do sono profundo dos sonhos noturnos, apresenta-se por uma visão livremente escolhida, a partir da agitação e da tensão provocadas por um vazio a preencher, por uma privação, que é o ponto de partida dos sonhos acordados. A busca para preencher esse vazio se produz pela integração de dois movimentos do sonho diurno: o reconhecimento do objeto não desejado no estado de realidade, e, ao mesmo tempo, a elaboração de um projeto utópico capaz de preencher o vazio do presente.

## Consciência antecipatória

O desmascaramento da realidade existente pode ser visto na obra de Christine de Pizan como um dos seus principais aspectos, na medida em que ela se constitui basicamente de um jogo de indagações e respostas entre a personagem-narradora Christine e as três damas alegóricas: Razão, Retidão e Justiça, a respeito das características e concepções de feminino que habitam o pensamento daquela sociedade. Os questionamentos podem ser lidos como denúncias da situação feminina na época, levantando problemas graves como a violação da mulher, a dominação masculina, as acusações misóginas da inferioridade feminina em três níveis: intelectual, físico e moral, na tentativa de justificar e perpetuar tal dominação. Estas acusações são desmascaradas através de um criterioso levantamento histórico de exemplos femininos de conduta e atuação, desde a Antigüidade clássica, destacando as virtudes das Amazonas, das Deusas da Mitologia grega, até a sua contemporaneidade. Dando prova de uma grande erudição, Christine de Pizan inclui-se também nos exemplos, a fim de demonstrar metalinguisticamente a igualdade intelectual entre os sexos. Em uma fala da Senhora Razão,<sup>14</sup> respondendo-lhe sobre a pretensa inferioridade dos conhecimentos femininos, a protagonista Christine trata de socializar que o saber é uma questão de oportunidade, não de gênero:

<sup>14</sup> A propósito desse tratamento "senhorial" dispensado às virtudes, possivelmente estranho para um público leitor contemporâneo, ele não era propriamente atípico na literatura da época. Antes de Pizan, já no século XII, os escritos de Francisco de Assis se acham repletos de reverência ao "Senhor" Sol, à "Senhora" Lua, à "Senhora" Pobreza, etc. Também a alegoria era uma constante naquela literatura.

*C'est sans aucun doute qu'elles n'ont pas l'expérience de tant de choses différentes, mais, s'en tenant aux soins du ménage, elles restent chez elles, et rien n'est aussi stimulant pour un être doué de raison qu'une expérience riche et variée [...] pense donc aux habitants des campagnes reculées ou des hauts plateaux; tu m'accorderas que dans plusieurs pays ils sont si simples qu'on les prendrait pour des bêtes. Et pourtant il est incontestable que Nature les a pourvus de tous les dons physiques et intellectuels qu'elle offre aux hommes les plus sages et les plus érudits que l'on puisse trouver dans nos capitales et grandes villes.*<sup>15</sup>

A falta de oportunidade, e de acesso das mulheres às Universidades – eis o que faz gerar uma literatura quase que exclusivamente masculina: feita por homens, para homens e contra mulheres. Dentre as obras citadas, Christine de Pizan chama a atenção para obras canônicas da Antigüidade e da Idade Média que, a despeito do seu valor estético, apresentam uma imagem feminina deformadora e preconceituosa. Vejamos a indignação da narradora face à notável presença de idéias misóginas em grandes clássicos da literatura ocidental, como *A arte de amar*, de Ovídio, e a segunda parte de *Le Roman de la Rose*, de Jean de Meung:

*Ma Dame, comment Ovide – que l'on dit pourtant Prince des poètes, bien que certains, dont je suis, estiment que la palme revient – plutôt à Virgile (sauf correction de*

<sup>15</sup> "É sem dúvida alguma por elas não experimentarem muitas coisas diferentes. Pois, se aplicando às ocupações domésticas, ficam em casa, e nada é mais estimulante para um ser dotado de razão do que uma experiência rica e variada [...] Pense nos habitantes de sítios afastados ou de serras altas; você concordará comigo que em muitos países eles são tão simples que passariam por animais. E, no entanto, é incontestável que Natureza os proveu de todos os dons físicos e intelectuais oferecidos aos homens mais sábios e eruditos que se possa encontrar nas nossas capitais e grandes cidades." (*Idem*, p.92).

votre part)-, a-t-il pu dire tant de mal des femmes dans ses poèmes: dans l'ouvrage intitulé 'L'Art d'aimer', par exemple, ou bien encore dans "Les Remèdes d'amour", ou bien d'autres ouvrages encore?<sup>16</sup>

[...] je m'étonne tant de cette opinion -assez répandue parmi les hommes (Jean de Meun en particulier le clame bien haut dans son Roman de la Rose, et il est loin d'être le Seul auteur à le faire) - que les maris doivent se garder de confier leurs secrets à leurs épouses, car les femmes sont incapables de se taire.<sup>17</sup>

28 A responsabilidade pela difusão dessa cultura misógina na literatura é explicada pelo fato das obras, em sua quase totalidade, serem de autoria masculina. Assim, suas obras refletem uma ideologia, obviamente, masculina. Pois, na medida em que a classe dominante é a dos homens, a mentalidade que reina, conseqüentemente, será também a patriarcal. Esse domínio masculino estaria na origem de injustiças frente à mulher, denunciadas lucidamente em várias passagens do texto, nas quais a autora, na voz da senhora Retidão, faz apelo ao saber empírico, ao cotidiano, à própria experiência das mulheres para resumir o quadro da realidade feminina:

*Ah! chère Christine! Tu sais toi-même combien de femmes on peut voir, par la faute d'un mari cruel, user leur malheureuse vie dans les chaînes d'un mariage où elles sont encore plus*

<sup>16</sup> "Minha Dama, como Ovídio - que dizem ser o Príncipe dos poetas [...] - pôde falar tão mal das mulheres em seus poemas: na obra intitulada 'A Arte de amar', por exemplo, ou ainda em 'Os Remédios de amar', ou em tantas outras obras?" (*idem*, p.52)

<sup>17</sup> « [...] surpreende-me esta opinião - bastante difundida entre os homens (Jean de Meun em particular a clama bem alto em seu 'Roman de la Rose', e está longe de ser o único a fazê-lo) - que os maridos devam se resguardar de confiar seus segredos a suas esposas, pois as mulheres são incapazes de calarem-se. » (*idem*, p.161)

maltraitées que les esclaves des Sarrasins. Ah! Seigneur! [...] Oh! Les indignités, les infamies, les injures, offenses et outrages qu'endurent tant de bonnes et valeureuses femmes, sans la moindre protestation. Et combien d'autres, encore, chargées d'une nombreuse progéniture, ne voit-on pas creuver la faim et la misère, alors que leurs maris traînent dans les lieux de débauche et font la noce dans toutes les tavernes de la ville! [...]. Dis-moi si je mens, et si tel n'est pas le lot de plusieurs de tes voisines?<sup>18</sup>

Essa relação de poder, do dominador versus dominado, se fortalece e se mantém viva através do domínio do saber, numa concepção foucaultiana em que o poder se equipare ao saber (cf. Foucault, 1993), o que vai justificar a necessidade de se privar o acesso da mulher ao saber, como ameaça ao poder patriarcal:

*C'est un fait que tous les hommes, et en particulier ceux parmi eux qui sont les plus instruits, ne partagent pas l'opinion évoquée plus haut [que la connaissance ne corrompt pas les femmes], et qui voudrait que l'éducation des femmes soit un mal. Il est bien vrai cependant que parmi les moins instruits bon nombre y souscrivent, car il leur déplairait que des femmes soient plus savantes qu'eux.<sup>19</sup>*

<sup>18</sup> « Ah! Cara Cristina! Você mesma sabe quantas mulheres podemos ver, por conta de um marido cruel, estragarem sua vida infeliz num casamento de prisão, onde elas são ainda mais maltratadas do que os escravos dos sarracenos. Ah! Senhor! Oh! As indignidades, as infâmias, as injúrias, ofensas e afrontas às quais tantas mulheres boas e de valor são submetidas, sem o menor protesto. E, quantas outras, ainda, carregadas de uma numerosa prole, vivem com fome e na miséria, enquanto seus maridos vagueiam em lugares depravados, levando essa vida de promiscuidade em todas as tabernas da cidade! [...] Diga-me se estou mentindo, e se tal não é a sorte de várias de suas vizinhas?» (*idem*, p. 146)

<sup>19</sup> "É fato que todos os homens, e em particular os que dentre eles são mais instruídos, não dividem a opinião evocada acima [de que o conhecimento não corrompe as mulheres], e que pretendem que a educação das mulheres seja um mal. É bem verdade, no entanto, que entre os mais instruídos um bom número assina embaixo, pois desagradaria que as mulheres fossem mais sábias do que eles" (*idem*, p. 106).

A conjuntura social à qual recorre a autora marca o primeiro passo na busca de uma realidade idealizada, de uma Utopia, evocando na obra, discussões, questionamentos que se contrapõem àquela realidade imposta.

O livro *La Cité des Dames* é acima de tudo uma verdadeira enciclopédia das mulheres, um resgate de várias personagens femininas, da história à mitologia, da Antiguidade à Idade Média, das letras às ciências, destacando nelas, ora suas qualidades pretensamente masculinas, como a coragem, a ousadia, a bravura, seus feitos históricos, ora suas qualidades reconhecidas como femininas, como a sensibilidade, a dedicação, a solidariedade. O texto tem ainda o poder de transformar em virtudes características que muitas vezes lhes serviram de motivos para ataques irônicos, como: a facilidade do choro, ou ainda a fragilidade de seus corpos (que, numa visão Aristotélica, as tornaria mais debilitadas, mais imperfeitas em relação aos homens) e, dentre outras, a semelhança, em termos de ignorância, às crianças. Face à indignação da personagem Christine diante do provérbio latino “*C’est pour pleurer, parler et filer, que Dieu créa la femme*”<sup>20</sup>, a Senhora Razão lhe responde surpreendentemente, dando-lhe legitimidade: “*ce dicton est vrai. Mais, quoi que l’on pense ou dise, il n’y a là aucun motif de reproche. C’est une excellente chose que Dieu les ait donné une telle vocation, car beaucoup ont été sauvées par pleurs, quenouilles et paroles.*”<sup>21</sup>

<sup>20</sup> “Deus criou a mulher para chorar, falar e tecer”.

<sup>21</sup> “Esse ditado é verdadeiro. Mas, apesar do que se pensa ou se diga, não há nenhum motivo para reprová-lo. Foi excelente o fato de Deus ter lhes dado tal vocação, pois quantos não foram salvos pelas palavras, pelo chorar e pelo tecer das mulheres.» (*Idem*, p.58)

Os considerados defeitos tornam-se, então, virtudes, nos argumentos da escritora. Nessa medida, o choro, de fraqueza torna-se arma, como nos muitos exemplos em que a salvação de pessoas pelas lágrimas é mostrada, como no de Maria Madalena, perdoada de seus pecados e aceita no reino dos céus pelo seu choro; no de seu irmão Lázaro, cuja ressurreição se deu pela compaixão de Jesus pelas lágrimas das irmãs Marta e Maria Madalena. Quanto ao falar feminino, a Senhora Razão avalia que, “*si parole de femme eût été si condamnable et de si peu d’autorité que le prétendent certains, Notre-Seigneur Jésus-Christ n’eût jamais daigné qu’une femme annonçât la première le mystère si glorieux de sa Réurrection*”<sup>22</sup>.

Se, de um lado, a autora refuta, com o emprego de certas estratégias retóricas, aquela imagem feminina, criada e em expansão naquela sociedade misógina, por outro lado, e, simultaneamente, ela vai dando contornos a uma nova concepção do feminino, e desconstruindo a imagem sagrada do masculino. Para tanto, a autora, num primeiro momento, revida os ataques misóginos difundidos nas obras da época, justificando tal posição com a citação de uma série de homens da História que dão prova de covardia, fraqueza, ao mesmo tempo em que resgata as mulheres de força, coragem, inteligência. Em seguida, ela abre espaço para outra discussão, a questão do feminino/masculino como condição do ser humano. Nesse caminho, são levantados vários exemplos de falhas e virtudes recíprocas, provas da complexidade e

<sup>22</sup> “Se a fala da mulher fosse tão reprovável e de tão pouca autoridade como sustentam alguns, Nosso Senhor Jesus Cristo não teria consentido que fosse uma mulher a primeira pessoa a anunciar o tão grande mistério como o da sua gloriosa Ressurreição. (*Idem*, p.60)”